



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Estatuto político da memória e o problema do ressentimento

Marcelo Santana Ferreira¹

Resumen:

A partir do filme argentino “O segredo dos seus olhos”, propomo-nos a pensar o problema das perdas no decurso histórico. Em Walter Benjamin, especificamente no estratégico texto *Teses sobre o conceito de história*, encontramos uma abordagem filosófica da “derrota” na defesa de uma nova atitude ética em relação ao fluxo dos acontecimentos históricos e ao esquecimento do sofrimento dos vencidos pela consciência aditiva do historiador tradicional. Estabelecendo um diálogo entre filme e texto benjaminiano, procuraremos opor a imagem da personagem ressentida e silenciosa que perde sua companheira brutalmente assassinada e reconhece o algoz trabalhando como segurança no regime militar recente na Argentina à imagem do historiador materialista – e do Anjo da História – que são testemunhas de outro desdobramento do tempo histórico, não vacilando diante da quantidade de escombros do passado, mas também não sucumbindo aos apelos da tempestade do progresso. O intuito da proposta é , portanto, compreender a função da memória nas Teses escritas pelo pensador, já que não se trata de inaugurar um espaço de sedentarismo e lamentação a partir do passado ainda não redimido, mas de propor – e identificar – ética e teoricamente outro encaminhamento ao tempo na história.

¹ Professor Adjunto II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil.

Email: mars.ferreira@yahoo.com.br



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Estatuto político da memória e o problema do ressentimento

Numa rotina de oficiais de justiça, dois amigos fortalecem os seus vínculos, sem abrir mão de nutrir uma forte admiração pela promotora que se apaixonou, há muito tempo, por um deles. O contexto é a Argentina e a narrativa é apresentada em um filme que mescla a história de uma amizade à história recente de um país, apresentando muitas imagens sobre distintas paixões: o futebol, a mulher e a pátria, estendida como continente em que os ouvintes da América Latina reconhecem uma proximidade com suas específicas histórias. Falamos do filme *O Segredo dos seus olhos*², sobre o qual nos debruçaremos a partir de um fragmento importante, relacionado à busca incessante de um homem – também personagem da narrativa fílmica – por vingança. Nos anos de ditadura militar na Argentina, o personagem perdeu a sua noiva, assassinada por um rapaz que é reconhecido algum tempo depois, por intermédio de imagens de televisão.

O segredo dos seus olhos não fala apenas da história de uma vingança, mas indica alguns caminhos possíveis para a dor. Evidentemente, trata-se de dores aparentemente distintas: a dor pela perda de um amigo que nos salva da própria morte, a dor pela passagem inexorável de um tempo que dissolve vínculos importantes, a dor pela impunidade referente aos algozes de diferentes contextos políticos e sociais que continuam vivos e ativos e, também, a dor pelo não esquecimento. O personagem que havia perdido sua noiva no contexto da ditadura militar argentina consegue capturar o assassino e lhe forja uma prisão nos fundos de um sítio e durante anos, o alimenta, mas nega-lhe palavra. O silêncio da sua dor provoca a des-humanização do assassino, convocado a se tornar inatural em um mundo que parece nos convocar a esquecer.

O filme argentino oferece múltiplas possibilidades de reflexão. E mais ainda, é legítimo também que o possamos ver apenas com o intuito de encerrar, a partir da audiência, a narrativa em que nos sentimos enredados. Mas talvez um grande filme seja feito para durar além do seu tempo de projeção e, curiosamente, o filme de que se trata apresenta a necessidade de se pensar sobre a duração de algumas condições subjetivas, questões políticas e discussões éticas e morais. A pergunta é: quanto tempo dura uma

² Filme: El Secreto de sus ojos . Direção: Juan Jose Campanella. Espanha e Argentina. 2009.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

paixão? Quanto tempo uma dor precisa ser problematizada sem que se torne um obstáculo para que continuemos a viver? Que estatuto político o silêncio do amante que aprisiona o assassino de sua noiva possui? De que dores nós, uma parte dos cidadãos da América Latina, nos lembramos e das quais queremos ser ressarcidos? São muitas as perguntas, mas, para pensar a partir de algumas delas, gostaríamos de relacionar a concepção de história de Walter Benjamin com o estatuto da dor coletiva e subjetiva colocada em foco através do filme. A concepção de história do pensador alemão se nutre de uma constatação política e de um espanto filosófico sobre a continuidade de uma versão de história narrada pelos vencedores. Benjamin (2008) buscou considerar, em seus estudos sobre a história, a necessidade de que o estudioso problematizasse o apelo dos vencidos e, mesmo, a força das palavras emudecidas daqueles que já não estão entre nós. Gostaria de pensar, a partir do filme e de parte das reflexões de Benjamin, sobre a presença do passado no agora de nosso reconhecimento do decurso da história e, também, sobre a saída ética diante da magnitude de uma dor que não pode esvaziar seu sentido político ao encarar o “passado” como algo acabado.

I . A DOR DE UMA PERDA;

O personagem principal do filme argentino é tanto o funcionário da Justiça quanto o amante que perde sua amada. O funcionário deixa escapar sucessivas oportunidades de se envolver afetivamente com sua superior e o amante procura agarrar o passado, revidando a dor que ficou com a retirada de sua mulher da sua própria vida por um assassino. Para os dois personagens, o tempo parece ser uma continuidade de dores ou de resignação.

A dor e a resignação dos personagens indicam duas saídas comuns ao problema da passagem do tempo. Para um, o tempo abriga o ressentimento insolúvel, a descrença nos mecanismos institucionais de restituição política e econômica das vítimas de diferentes contextos sócio-políticos que foram vividos recentemente na América Latina, como as ditaduras militares. No Brasil, há numerosos casos de familiares que perderam seus entes amados nos anos de maior perseguição política aos militantes contrários ao regime de exceção e que são ressarcidos de diferentes formas, mas que não tiveram a



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

intensidade de seu sofrimento dirimida pela superação dos regimes de exceção por formas de governo democráticas, uma vez que, em nosso país, o sofrimento dos perseguidos políticos não se diluiu diante da expansão dos “novos” inimigos do crescimento social e do progresso – e mesmo, das medidas de contenção da violência social – o que nos dirige ao problema da “continuidade” de uma história, em que um contingente de vencidos cresce às nossas costas e à nossa volta. Para outro personagem, o tempo vulgar de uma rotina que se arrasta por anos se choca com a oportunidade de retomar um caso dos anos de 1970, exatamente naqueles em que se deu o assassinato da mulher do personagem que padece em toda a narrativa fílmica. Para um e para outro, todas as ações estão carregadas de tempo, mas um tempo com uma única direção, tempo homogêneo e mecânico, tempo da vingança e do silêncio e tempo da expectativa (pela aposentadoria) e desatenção (ao amor de uma superior na rotina do Tribunal).

Podemos nos inserir na situação que o filme evoca a partir de uma preocupação com o sentimento dos personagens e sua psicologia. No entanto, optamos por considerar o estatuto imediatamente político da situação que os homens enfrentam, já que metodologicamente é possível considerar a transição do biográfico ao político, sem abrir mão de reconhecer a magnitude da dor que os personagens enfrentam. Mas, como a dor pode migrar de considerações pessoais e assumir um lugar em que se preserve o seu estatuto político?

No filme em análise, a busca por outras versões do assassinato da jovem – apresentado no início da narrativa – garante a aliança entre oficial de justiça e promotora, envolvidos em remexer as versões sobre o “paradeiro” do assassino. A busca pelo passado os envolve e uma paixão adormecida alinhava expectativas e desejos, embora os personagens estejam mais velhos e muito tempo tenha passado. Ao mesmo tempo em que o oficial de justiça consegue envolver-se afetivamente com sua antiga superior, o amante consegue capturar o algoz dos seus anos de juventude, o homem que lhe subtraiu anos de felicidade – presumida – ao lado da sua amada. O tempo, pensado na epistemologia da história em Walter Benjamin, não pode ser compreendido nem como fruição subjetiva nem muito menos como exterioridade mecânica. Neste sentido, o pensador alemão indica importantes elementos para se considerar o tempo, ao problematizar as condições



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

históricas que permitiram que o mesmo se tornasse abstrato e fugidio ou psicológico e essencialmente íntimo. Benjamin (2008) considerou que uma concepção de história materialista deveria se opor, necessariamente, a uma abordagem aditiva e vulgar do tempo histórico. O autor estava se opondo à concepção de história subsidiada nas reflexões de Dilthey sobre as ciências do espírito e ao que chamou de “historicismo” nas primeiras décadas do século XX, tendência de estudos em que o pesquisador estabelece uma rápida identificação com o passado e em que as épocas históricas estabelecem vínculos imediatos com épocas precedentes. Benjamin (idem) procura considerar a necessidade de uma concepção de história construtiva, em que a própria experiência do historiador, considerado como cronista da história, seja levada em consideração. Para isso, é preciso abandonar a centralidade do modo usual de se iniciar narrativas com o “Era uma vez...”, de modo que se possa, do passado, retirar uma feição do futuro, uma linha de temporalidade que foi rompida pelo esquecimento ou pela vulgarização de uma versão dos acontecimentos.

Prender um assassino numa cela nos fundos de sua própria casa não elimina a dor de um personagem do filme. O personagem nega, exatamente, a possibilidade de diálogo com o assassino, que fica privado de voz, impedido de se opor ao tempo que o devora. Tem sido exatamente esta a estratégia mais hegemônica em torno do sofrimento dos vencidos: um artificial apagamento de suas enunciações que, paradoxalmente, ganham corpo com os sofrimentos contemporâneos. No caso do filme, a vítima objetiva o algoz, o silêncio, mas não se torna menos infeliz por isso. Perigosamente, poderíamos nos apropriar do trecho fílmico e considerar, muito velozmente, que deveríamos “esquecer” os sofrimentos ou mesmo, moralmente, não julgar os nossos inimigos. Em Benjamin, chamado a ser um interlocutor das questões que se apresentam gradativamente, se trata de pensar a história a partir do tempo que se aproxima da experiência de temporalidade em jogo na mística judaica, nas manifestações coletivas que buscavam interromper o “tempo do relógio” e no pensamento marxista. Vamos considerar as saídas apontadas por Benjamin como tentativas de considerar a pesquisa histórica, também, como interrupção do tempo homogêneo, como paralisação, como oportunidade de proceder a uma versão



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

outra do passado e que se torna, portanto, uma enunciação de uma versão silenciada do próprio futuro.

II. HISTÓRIA COMO UMA RELAÇÃO RENOVADA COM O PASSADO;

Walter Benjamin(2008) articulou as célebres *Teses sobre o conceito de história* como expressão de um esforço intelectual para abordar criticamente as concepções de história vigentes desde o final do século XIX na Europa. De um lado o “historicismo” com sua representação aditiva do tempo histórico e de outro, uma concepção que sustentava o posicionamento da social democracia alemã no entendimento do nazismo e do fascismo como fatos históricos anacrônicos, que se diluiriam com a passagem homogênea das épocas históricas. Em suas Teses, o pensador apresenta algumas das mais importantes referências intelectuais para a composição do seu olhar crítico sobre a História. Dentre eles, encontram-se a crítica nietzschiana à ciência histórica alemã do século XIX, a concepção de tempo na mística judaica e a concepção de revolução no pensamento marxista. Vejamos uma parte da apresentação do pensador das três considerações críticas a respeito do tempo e da ciência histórica. Inicialmente, uma possível fonte da referência que Benjamin utiliza do pensamento de Nietzsche:

“ *A história, uma vez que se encontra a serviço da vida, se encontra a serviço de um poder a-histórico, e por isso jamais, nesta hierarquia, poderá e deverá se tornar ciência pura, mais ou menos como é a matemática.*” (NIETZSCHE, 2003 : p.17)

É fácil reconhecer, a partir do enxerto anterior, que a discussão de Nietzsche, que será devidamente apropriada por Walter Benjamin, se dá na direção de um questionamento da importância da ciência histórica para a vida, o que garante uma oposição ao estatuto apressado e objetivo da ciência histórica do século XIX, que buscaria, de forma ociosa, eliminar o que há de “não histórico” na própria vida. Benjamin (2008) busca, exatamente, articular uma concepção de história que não sucumba nem a suposta transitoriedade do presente e nem ao acabamento do passado. Nas Teses escritas por Benjamin, trata-se de valorizar um questionamento histórico que abra a possibilidade de conexões renovadas entre o próprio presente e as imagens desfiguradas “dele mesmo” que emergem, por exemplo, através de uma nova cognoscibilidade sobre os fatos



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

históricos. É possível reconhecer a necessidade de uma nova relação entre as épocas históricas – do ponto de vista de quem vive e “narra” a história – no seguinte enxerto das Teses, o que permite o reconhecimento da expressão do legado da mística judaica no pensamento benjaminiano:

“ Certamente, os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma ideia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo. Sabe-se que era proibido aos judeus investigar o futuro. Ao contrário, a Torá e a prece se ensinam na rememoração. Para os discípulos, a rememoração desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que interrogavam os adivinhos. Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias.” (BENJAMIN, 2008: p.232)

E, finalmente, a expressão da aproximação do pensamento benjaminiano com o legado marxista:

“ O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente que de qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização.” (BENJAMIN, 2008: p. 231)

A abordagem benjaminiana da história se assenta em uma crítica à concepção de tempo linear e à uma massa de fatos que se amplie, conforme o tempo “vazio” se desdobre. Além disso, para propor uma imagem do tempo histórico que se distancie das tendências hegemônicas, o pensador recorre à necessidade de “paralisação” do fluxo dos acontecimentos históricos, de modo a definir um novo posicionamento ao cronista da história. A paralisação do tempo histórico é um tema tanto materialista quanto mágico, já que as “forças revolucionárias na história” que se tornaram rarefeitas no decurso do tempo se aproximam das “portas estreitas” pelas quais o Messias pode atravessar,



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

salvando e interrompendo o fluxo banal do tempo. O tema da salvação assume central importância no pensamento de Walter Benjamin sobre a história, garantindo a relação entre os problemas da narração da história, do estatuto do tempo presente e da importância da rememoração para a ciência histórica. Leitor da obra de Nietzsche, Benjamin (2008) reconhece criticamente a importância da memória, afirmando que é necessária uma atenção cuidadosa do presente às linhas de temporalidade rompidas ao mesmo tempo em que é legítima a interrupção do tempo linear, através da inauguração de uma acuidade aos perigos iminentes de que o inimigo continue vencendo. Os estudos de Walter Benjamin sobre a história não podem ser separados de suas indagações sobre a lembrança e o esquecimento, dois pólos importantes para se entender a natureza das enunciações de um cronista da história, figura próxima do narrador, que não está preocupado em transmitir o “puro em si” do que aconteceu, mas que oferece à audiência as próprias “marcas” – não simplesmente subjetivas, mas indicativas do compartilhamento ininterrupto das experiências – dos fatos que narra. Ao problematizar a obra de Marcel Proust, por exemplo, Walter Benjamin (2008) considera a validade da lembrança para o exercício estético e, também, para as pesquisas sobre o passado, sem deixar de relacionar as memórias voluntária e involuntária, ao se voltar ao trabalho literário do importante autor francês:

“ (...) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura.” (p.37)

Percebe-se, nos enxertos anteriores, a preocupação central de Benjamin com uma abordagem histórica que se alie aos problemas reconhecidos no “presente”, para que não se pense de forma abstrata o nexo entre as épocas. Ao mesmo tempo, a interrogação sobre o estatuto da ciência histórica se nutre de uma preocupação com o problema do tempo, sempre considerado em sua abertura, distinto da “cronologia” do modo de produção maquínico e com forte proximidade com o estatuto filosófico da consciência histórica defendida no pensamento marxista. Para que se pense historicamente, é importante se opor à versão fatalista dos que dominam econômica e politicamente uma



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

sociedade, ao mesmo tempo em que se torna fundamental construir uma concepção de tempo que resgate o sentido ético dos exercícios da lembrança e do esquecimento. Nesta direção, é possível estabelecer uma relação entre as discussões de Benjamin especificamente voltadas ao tema da história e as investigações sobre o trabalho literário de Proust. No autor francês, Benjamin parece encontrar uma modalidade de relação com o passado, em que a lembrança amplia o escopo da relação do presente com os tempos findos e com o que “poderia ter acontecido”. No caso da literatura de Proust, tratava-se de um paroxismo, em que o próprio ritmo das coisas, a passagem das horas e os limites impostos por uma doença eram utilizados a fim de se recuperar as linhas de temporalidade rompidas pelo esquecimento. A reminiscência não se daria isolada do reconhecimento das marcas do esquecimento. Benjamin (2008) considera, por exemplo, que a preocupação de Marcel Proust se voltava ao próprio modo como o autor se utilizava das provas que o editor lhe enviava, ocupando todos os espaços disponíveis para ampliar o texto. No entanto, Benjamin (2008) não restringe sua investigação à experiência de Proust, voltando-se ao problema da ciência histórica e do estudo sobre o passado. Na concepção de história defendida por Walter Benjamin, é importante pensar sobre o passado, de modo que a versão hegemônica – assentada na percepção de que os acontecimentos históricos estejam finalizados e fechados em si mesmos – seja superada, através de um esforço de resgate das versões minoritárias do próprio fluxo do tempo histórico. Interpor ao que se sabe do passado as diferentes imagens do que emerge através da relação entre esquecimento e lembrança é um antídoto a continuidade de uma história homogênea. Evidentemente que as interrupções do fluxo da história não são expressão de uma intencionalidade ou de uma atitude pessoal. Trata-se de uma “oportunidade” que quebra a continuidade da história, trata-se da força do esquecimento e da lembrança que, na urdidura de um nexos intempestivo, questionam a evidência da continuidade da história. Na concepção de história de Walter Benjamin, questiona-se a empatia do presente – e do cronista da história – com os vencedores e a ilusão de que o curso da história seja natural e mecânico.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

III. O SEGREDO DOS SEUS OLHOS.

O filme argentino encerrou-se. Após a exibição do filme, é possível perceber uma continuidade entre o cinema e as calçadas próximas. Na Universidade em que trabalhamos, muitas discussões se iniciam, tendo o filme como objeto privilegiado de análise. Assistimos, no mesmo ano em que compartilhamos o “segredo” dos olhos dos personagens da narrativa fílmica, a um documentário sobre a morte de pessoas consideradas perigosas por forças policiais repressivas, muito comuns em nosso país. Nas imagens do documentário, destacava-se a narrativa de uma mulher negra que lembrava a morte do filho que havia saído cedo de casa a fim de comprar pão e foi assassinado por policiais civis. A enunciação real da mulher negra não será abrigada pelas luzes das câmeras, quando ela for dormir. As lágrimas da mãe que pede justiça diante da morte do filho são parte do segredo que compartilhamos, na atualidade. A narrativa não dilui a dor da mulher, mas nos lança ao território político da memória, uma vez que a lágrima não se coaduna com a publicidade exaustiva das campanhas de televisão que buscam uma emoção barata e transitória. Aquelas lágrimas carregam muitas outras narrativas, dos pobres e dos negros que são “confundidos” com bandidos cotidianamente em nosso país, o que expressa a fórmula histórica de naturalização dos problemas sociais. No entanto, as lágrimas ainda indicam o estatuto imediatamente político da dor da mãe que perdera o filho.

Tal estatuto pode ser reconhecido no conto de Mia Couto (2009) sobre a combinação entre avô e neto que, por ter se afeiçoado ao cerimonial de despedida dos mortos, havia revelado que estava cansado de viver e que gostaria de trocar de lugar com o homem mais velho. O avô finge-lhe total concordância, mas se entrega a redescobrir folguedos e brinquedos de infância com o neto, que ao se entregar à experiência, se esquece do combinado com o avô. Quando o velho homem vai conversar com os pais do menino, lhes revela a importância de que os pais se aliem às vidas que os convocam a “citarem” o passado, pois, *“Esse é o milagre que um filho oferece – nascermos em outras vidas.”*(Couto,2009:p.114). A narrativa de Couto apresenta-nos o malogro da combinação, já que o avô não tinha pedido a nenhum Deus que ele sobrevivesse ao neto. Assim nos parece a história da mulher negra que chora seu filho assassinado pela polícia



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

civil no Brasil contemporâneo: nenhuma substituição, mas reconhecimento da dor, nenhuma memória que substitua a própria ação que o presente requer, mas também nenhum fácil esquecimento como expressão de um “não pensar”.

Prender o assassino de sua noiva numa definitiva prisão silenciosa não tornou o personagem da narrativa fílmica menos infeliz. No entanto, ainda era preciso lembrar. Para que não nos tornemos os algozes do nosso próprio presente, para que não cultivemos empatias com os vencedores, não é necessário simplesmente não querer lembrar. A elaboração do passado(GAGNEBIN,2006) se realiza com o compartilhamento das dores que não se esgotaram no que já foi vivido, mas que se repetem nos riscos iminentes ao presente. Ao citar – por ter reconhecido a magnitude do apelo do passado e das pessoas que poderíamos ter conhecido – o passado, desfaz-se a transitoriedade mecânica do presente e há a inauguração do “agora”. O filme argentino apresentou, magicamente, uma forma de elaboração do passado e o estatuto político da lembrança de homens e mulheres que não abdicaram de viver, por não considerarem o passado como um fardo. O personagem que prende um assassino acaba por se tornar prisioneiro do passado. Mas a mulher negra com sua dor – real – não terá sua perda restituída com a prisão e o julgamento dos assassinos do seu filho. No entanto, o reconhecimento jurídico e político da perda é uma parte importante do processo de citação e de reflexão sobre o passado. O rosto vincado da mulher negra que se encontra, mensalmente, com outras pessoas para lutarem pela “memória” dos seus entes amados agrega a dor de muitos outros homens e mulheres no Brasil e em outros países da América Latina. A tradução da dor pela perda do seu filho não significa que a mulher tenha que morrer a fim de ocupar o lugar de quem se foi. A vida da mulher negra é um testemunho de que o passado oprimido busca encontrar uma forma de enunciação que interrompa o fatalismo do progresso, como consegue fazer, mesmo que transitoriamente, a narrativa fílmica, ao indicar o quanto a amizade e a paixão podem ser antídotos à continuidade da vitória dos opressores. Para muitos de nós, não abandonar uma parte do passado que sugere uma configuração outra do próprio tempo histórico é uma forma de se contrapor a vitória do inimigo, o mesmo que se abriga nas versões hegemônicas a respeito dos fatos históricos.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*.SP: Brasiliense, 2008.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*.SP: Companhia das Letras, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. SP: Editora 34, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração intempestiva*.RJ: Relume-Dumará,2003.